

Caia quem quiser

João Bernardo

Ouvem-se e lêem-se com muita frequência argumentos de esquerda a favor da luta contra o terrorismo islâmico, contra o programa nuclear iraniano, etc. E é certo que o fundamentalismo religioso, com o seu populismo, as suas milícias e as suas mobilizações de massa, se assemelha de muito perto ao fascismo. O inconveniente de tais argumentos é que eles consistem sempre numa defesa dos valores da democracia ocidental.

Já alguns anos antes de começar a guerra fria pessoas de esquerda como George Orwell e Arthur Koestler defendiam que era preferível a vitória da democracia capitalista anglo-americana do que do capitalismo de Estado soviético. Até Victor Serge, apesar de uma experiência militante incomparavelmente superior, evoluiu no mesmo sentido. Simone de Beauvoir resumiu muito bem estas polémicas em *Les Mandarins*, um romance que não devia deixar de ser lido por quem quiser compreender a segunda metade do século XX.

Apesar da sua inteligência e do seu conhecimento dos factos, aquelas pessoas não perceberam que não havia dois campos, mas três. A habilidade estratégica dos revolucionários teria consistido então em não se deixarem encurralar no dilema da guerra fria e em contribuírem para reforçar um terceiro campo, o da luta operária contra o sistema de produção fordista, fosse ele norte-americano ou soviético.

Ambos os lados da guerra fria pretenderam impedir o desenvolvimento, e mesmo dificultar a percepção, desse terceiro campo. O governo dos Estados Unidos e os seus aliados ocidentais abstiveram-se sistematicamente de apoiar as lutas operárias contra o capitalismo de Estado do bloco soviético, e em vez disso estimularam os sentimentos nacionalistas, não hesitando em usar pessoas e forças políticas comprometidas com o fascismo. O caso do Solidariedade na Polónia foi o único em que, devido à extensão assumida pela revolta dos trabalhadores, os governos ocidentais não se puderam abster, mas mesmo aí procuraram apoiar sobretudo a componente religiosa e não a componente operária. E, como é notório, a desagregação final do bloco soviético foi precipitada, do lado ocidental, não pelo incentivo às

reivindicações dos trabalhadores mas pelo estímulo dado aos conflitos nacionais, que onde não existiam foram inventados.

No outro campo da guerra fria passou-se algo de equivalente. A aliança dos partidos comunistas com os sectores capitalistas considerados progressistas, nos países mais industrializados, ou com as burguesias nacionais, nos países subdesenvolvidos, contribuiu para desviar os trabalhadores do plano das lutas de classe, orientando-os para os confrontos entre países e blocos de países.

Agora, com o olhar retrospectivo que a história torna fácil, pode ser definida com clareza a existência de um campo de lutas próprias da classe trabalhadora que não correspondia a qualquer dos dois grandes campos da guerra fria. Mas na época os que pretenderam combater o stalinismo sem se deixarem iludir pelos mitos da democracia tiveram de caminhar quase às cegas, porque durante longos anos as massas trabalhadoras pareciam passivas. «Acusaram-me de fanatizar as massas, de as levar ao êxtase», confidenciou Hitler a um grupo de seguidores em que se encontrava Hermann Rauschning. «Os psicólogos subtis aconselham a acalmar as massas, a mantê-las num estado de apatia letárgica. Não, meus senhores, deve fazer-se exactamente o contrário. Para dirigir as massas tenho de arrancá-las à apatia. As massas só se deixam conduzir quando estão fanatizadas. Apáticas e amorfas, as massas representam o maior dos perigos para qualquer comunidade política. A apatia constitui uma das formas de defesa das massas. É um refúgio provisório, um entorpecimento de forças que de súbito explodirão em acções e reacções inesperadas».

E assim sucedeu. As lutas autonómicas das décadas de 1960 e de 1970, que em modalidades diferentes irromperam tanto na América do Norte e na Europa ocidental como em alguns países do bloco soviético e que se generalizaram na China durante a Revolução Cultural, determinaram o aparecimento de novas formas de organização e de novas expressões ideológicas, que assim como se distanciavam das ortodoxias marxistas recusavam também os mecanismos da democracia representativa. A retomada da tradição de igualitarismo e de democracia directa que sempre havia caracterizado os grandes surtos de luta dos trabalhadores assinalou a maturidade deste terceiro campo.

Hoje pretende-se inventar uma nova guerra fria, invocando um pretenso choque de civilizações, tanto mais absurdo quanto a economia e a sociedade estão completamente globalizadas. Esta nova guerra fria constitui apenas uma tentativa para precipitar as pessoas num dos dois campos do fundamentalismo religioso e cultural, o cristão e o muçulmano, que neste caso servem de justificação aos respectivos aparelhos políticos. A esquerda moderada continua a alinhar alegremente nas fileiras da democracia de inspiração norte-americana e

limita-se a repetir contra o fundamentalismo islâmico as diatribes que antes proferira contra o regime soviético. E uma boa parte do que resta da antiga esquerda revolucionária, somando uma nova asneira a uma já longa história de erros, tem recorrido aos argumentos do nacionalismo para dar legitimidade a regimes de exploração periféricos. Procura-se assim apagar uma vez mais a existência do terceiro campo, o campo próprio das lutas dos trabalhadores.

Mas aquelas pessoas de esquerda que participam na manobra já não têm agora a justificativa do nevoeiro, porque se na primeira vez quem quer cai, na segunda só cai quem quer.

A tarefa agora urgente, em que todos os anticapitalistas devem concentrar as forças, consiste em ajudar à reconstrução da classe trabalhadora enquanto entidade sociológica, ou seja, política. No plano económico, onde se processam as relações de exploração, os trabalhadores jamais deixam de ter uma existência de classe. Hoje, no entanto – como aliás sucedeu também noutras épocas – os trabalhadores foram vítimas de uma profunda reorganização dos sistemas produtivos e dos métodos de exploração, que fez com que, na sua globalidade, já não se reconhecessem como classe. Estamos na situação paradoxal de os capitalistas verem os trabalhadores enquanto classe, mas os trabalhadores serem incapazes de se ver a eles mesmos como classe. Só através de confrontos crescentes com os patrões é que os trabalhadores poderão ir progressivamente demarcando as linhas de clivagem social que os separam dos capitalistas e desenvolvendo as relações de solidariedade que os definem enquanto classe. É aqui que deve incidir a actividade organizadora dos anticapitalistas.

Um dos terrenos possíveis de acção é revelado pelo aparecimento daquilo a que no Brasil se chama «movimentos sociais», quer dizer, uma mobilização sólida e continuada da base em torno de questões concretas, como sucede com os sem terra ou os sem tecto, e mais recentemente com os movimentos do passe livre, que colocam o problema dos transportes públicos urbanos. Não quero subestimar as contradições que enfraquecem estes movimentos, uma tendência muito clara à burocratização interna e à adopção de práticas económicas nitidamente capitalistas, como sucede com o principal dos movimentos dos sem terra, ou a utilização de alguns movimentos de sem tecto para finalidades meramente eleitoralistas no âmbito dos municípios. Devemos estar conscientes destes problemas para melhor os enfrentar, mas apesar disso parece-me que se traça por aqui o caminho. Aliás, quando governantes populistas, para se legitimarem politicamente, em vez de fundarem novos partidos ou de se apoiarem em alguns já existentes, criam a partir de cima «movimentos sociais», como faz Chavez na Venezuela, ou tentam recuperar em benefício do aparelho de Estado os

«movimentos sociais» criados espontaneamente pela base, como Morales faz na Bolívia, isto mostra pelo lado do avesso a força dos movimentos. As lutas em França no ano passado e neste ano podem confirmar também algo que já se tinha verificado na Argentina e na Bolívia, a utilização dos espaços públicos como lugar principal de confronto. A partir do momento em que o modo de produção capitalista integrou os lazeres, tanto enquanto mercado de objectos de consumo e de serviços como enquanto oportunidade de adestramento da força de trabalho nas técnicas electrónicas, é natural que as greves sejam complementadas pelas ocupações de ruas e praças. Tudo passou a estar incluídos nos ciclos de extorsão da mais-valia.

Embora não constem nos cabeçalhos dos jornais nem nos noticiários da televisão, são deste tipo os problemas cuja discussão é urgente entre os anticapitalistas. O resto, deixêmo-lo para os estrategas dos outros dois campos.